

A IMPRENSA

PERIODICO LITTERARIO, CRITICO, E NOTICIOSO.

Publica-se nas quartas-feira

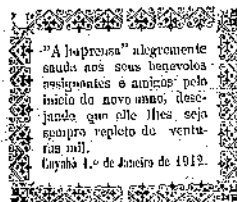
Escritorio da Redacção

Rua 13 de Junho - 25

Cuyabá, 1 de Janeiro de 1912.

Redactores e Colaboradores

DIVERSOS



UM ANNOY

Faz hoje um anno que lançamos a publico o primeiro numero d' "A Imprensa," com modestas palavras de apresentação timidamente pedindo um lugar no jornalismo indigena. Sobremaneira desvaneceu-nos o acolhimento que nos deu e, para não desmerecel-o, dia a dia redobramos energias que o publico amigo mais e mais revigorando, deram-nos vida de um anno! Dizer da tenacidade com que durate estes 12 mezes passados puzemos em jogo os nossos esforços na producao e confecção desses 51 numeros d' "A Imprensa" não é da nossa intenção, a nos só nos é dada a máti facção gosada pela consciencia do cumprimento de um dever: termos arduosamente batalhado em prol do progresso da nossa terra, em toda a medida das nossas forças.

Um anno que jamais se apagará da nossa memoria — o primeiro em que vivem "A Imprensa!"

Durante ella ensaiamos os primeiros passos na luta do jornalismo esboçada, arida e ingrata, irreversivel e querida contada.

No seu decorrer mourejamos ardorosos, animados por palpitantes esperanças e os prazeres nelles colhidos bem compensam-nos dos odios, seguidos por todo um cortejo de amargos dissabores...

Sim, odios, daquelles que por mil formas não vacillam para cometer abusos lesando, prevenciando; daquelles que, afivelando ao rosto a máscara amarfinhada que a hypochrosia é, vão espargindo em qualquer terreno a semente da flor maldora do mal, só podiamos grangear odios. Delles ontra cousa não esperavamos porem e porque, elles crescem vendo "A Imprensa" completar um anno de vida, mais este nosso aniversario causa-nos gaudio e saibam que: jamais vacillou-nos a duvida; jamais acovardou-nos a força ou o poder para, durante este anno que passou, pelas nossas columnas modestas, medidas nas nossas pequeninas forças, deixar do virmos a publico, criticando os factos a luz da Verdade, condemnar maus actos, particulares ou não.

A escriptura lastimavelmente sceptica, a nossa attitude, assumida neste anno de luctas pareceu onçada.

Assim é. Si considerarmos o meio acanhado em que fizemos surgir "A Imprensa;" si attentarmos na nossa idade

Impossível

Ao poeta H. Cuyabano

Como esquecer-te se do pensamento,
Entre sonhos de amor e de guerra,
Não me fages querida, tua só momento,
Se só pulsa por ti meu coração?

Como esquecer-te se no firmamento,
Astro gentil de minha adoração,
Veja-te bella, num deslumbramento,
A arrebatá-me gracil, com seducção?!

Vem-me querida, oh deusa dos encantos!
Por ti verti doloridos prantos,
Por ti mea lira só pulsou chorosa!

Esquecer-te não posso, eu hei de amar-te!
Embora de ti longe lide a dor-te,
E a ti meus cantos voando — Dormosa!

Franklin Cassiano.

Da longe...

O nosso anniversaria

A 1.ª de Janeiro do anno a fundar-se, por entre atrevidos sorrisos da meiga natureza que alegrementes despontara trazendo-nos o Anno Novo, a Imprensa appareceu no campo jornalístico d'essa minha terra — como mais uma intima defensora dos interesses de Matto-Grosso, e do bem estar do nosso povo.

Fundada por moços com unica ambição que possuem, é o engrandecimento d'este pedaço do coração patrio, o nosso jornal parece-me ter desviado uma linha da programação com o que apresentem em publico.

Visando sempre a prosperidade do Estado, o seu desenvolvimento sobre todos os pontos de vista, não se tem poupado esforços em bem desempenhar essa ardua missão de jornalisar, desprezando mesmo os nossos particulares interesses para bem cultuarmos a nobilitante causa que abraçamos.

Sem filiação politica ou religiosa, a Imprensa durante esses doze longos mezes de existencia, tem commentado os assumptos que de maior importancia tem surgido á tona da nossa sociedade, esmaçando os seus detractores, sempre dando combate as vergonhosas explorações do clero, terriveis vampiros que tem corroido as almas das sociedades que o acatam.

Os maus actos da publico Administração do Estado, não tem passado sem o nosso protesto, assim como temos enaltecido aquelles dos quaes Matto-Grosso tem recebido rocos serviços. E' visível pois, a nossa imparcialidade na jornalismo local. Os nossos protestos são dictados pela sã Razão, e as nossas palavras tem na vanguarda a santa luz da Verdade.

NOCTURNO

*Eu amo as noites frescas e divinas:
Quando a lua no azul brilha serena
E a doce brisa embalsamada e amena
Passa, espalhando um cheiro de boninas.*

*Ha vozes encançadas, peregrinas,
Que se elevam da rosa e da açucena,
E se escuta a tímida cantilena
De um sussurro de beijos nas campinas*

*São protestos de amor que as lindas flores
A' viração fagueira, enamorada,
Fazem, num palpitar de corações.*

*Emisteriosos, garrulos Amores,
Nos encantos da noite cultivada
Vão desferindo languidas canções.*

U. Cugabano

Intendência Municipal

Deixa hoje a administração do cargo de Intendente Municipal, o sr. tenente coronel Avelino Antonio do Silveira.

Em nosso desejo fazermos um historico, embora rudemente, do que foi a sua passagem pela nossa Municipalidade durante os dois annos de sua administração e o que a s. s. fez em prol do progresso do municipio. Porém, os nossos tempo e espaço são poucos para isso tentarmos, pois que a s. limitamos tão somente a darmos alguma apontamentos das cousas que em beneficio do municipio a s. fez, não deixando o estudo do espantoso e turbado e muito do mais que nos deixou. S. s. não levou a mal a franqueza das nossas palavras, pois que ella é filha da sinceridade, gerada do muito amor, que devotamos as cousas que interessam o progresso deste pequeno e rico municipio grande patria.

Ha tres annos, quando a s. eleito Intendente Municipal do Cuiabá, embra contra si visse levantar-se em protesto de grande parte do electorado, julgamos todavia que o seu governo seria um governo honesto, trabalhador e que a s. empregaria todos os seus esforços, a sua actividade para melhoramento e embelezamento deste tão desprezado municipio, dada a convicção, plena que tinhamos da sua competencia, da sua capacidade para o desempenho satisfactorio do cargo que o electorado acabava de confiar-lhe.

Se forar porém, em parte, infundadas essas esperanças, bem que não deixamos de ver enormes cousas, que muito desvaneceram do nosso espirito o conceito que fizemos do que seria a sua administração. Vejamos. S. s. eleito, empreendeu uma viagem, que dissera de instrucção, e por isso deixou de assumir o exercicio do cargo no primeiro anno do seu triennio. Voltou no seu final quasi, e ao iniciar-se o segundo, a s. tomou posse do cargo, e o que fez, o que tem feito até aqui, até agora no final do seu mandato, patente está aos olhos de todos. S. s. não restou duvida, trabalho, bastante lucrativo para o cumprimento, para a realização dos seus ideaes e esperanças de muito fazer pela nossa Calabaria, não pensou talvez a s. que Raimundo se fez um dia, e por isso virido do ploriar, entristecendo, cheio de ardo progressista, emprehendia grandes melhoramentos, mil transformações a nossa capital, sem julgar que tudo isso redundaria no afriço geral, no não proseguimento de cousa alguma, tudo ficando iniciado e nada concluido.

Foram projectados os embelezamentos do Cemiterio da Fiedade, do Jardim Alameda e do praça da Republica, e o uerto da travessa Venturios da Patria, do Morado do 1.º districto, das cercanias do servido publico, egrejas e mil outras cousas, que iniciadas no mesmo tempo, por ali ficaram a abandonar, sem proveito algum, tendo gerado sommas enormes, deixando intacta a calandria da nossa Camara, sem que quasi nada nos recompensasse do tão avultado seu gasto.

O sr. Aitor da Fiedade, mereceu, como era de esperar-se os seus olhos, mas, em parte elle foi melhorado, ficando a outra parte para os seus videntes. Principio o seu embelezamento, do que ha muito,

Longe do meu Estado estre-mecido, eu o saúdo, e saúdo *A Imprensa*, este intemperado paladino das letras, impetitor defensor dos direitos do povo!... Avante sempre!... De parte os interesses, e de areolua em pulho, não conheças embaraços... A nossa patria precisa dos moços, a elles caberá um dia reformar os seus desregados costumes. O facanhismo bruto da politica, ruirá por terra com a continuação da peleja...

Accoitea pois os ex-companheiros de *A Imprensa*, os meus effusivos parabens pela data festiva de 1.º de Janeiro.

Solve, *A Imprensa*!...
Assumpção—Dezembro.

Antonio Guimarães de Campos.

Anno Novo

Dos senhores Dr. Aprigio dos Anjos e Benjamin Tenuta recebemos Boas Festas e felicitações pela entrada do novo anno.

Agradecidos.

A todas as pessoas, que receberam o presente numero e não quiserem honrar-nos com a sua assignatura, pedimos-lhes devolverem-nos ao escriptorio da redacção até o dia 5 deste mez.

Do Sr. Manoel Rodrigues Palma digno Vice Consul de Portugal nesta Capital, recebemos um folheto impresso contendo: a Constituição politica da Republica Portuguesa, promulgada pela Assembleia Constituinte em 21 de Agosto de 1911;

Decretos de abolição da Monarchia e proscripção dos Braganças de 5 e 15 de Outubro de 1910 e 19 de Junho de 1911;

Lei sobre a dotação presidencial e uma pequena analyse critica a obra da Republica.

Agradecidos.

COM A POLICIA

Mas uma vez chamamos a attenção do poder competente, para por um paradoxo as continuas immoralidades que pratica o immoral e impundo Antonio A. da C. Leite, conhecido Voto Leite, em as ruas desta cidade, soltando em altas vozes os palavrões immundos do calendario das suas obscenidades, sem respeito algum as familias e a publico em geral.

Supplica ao
Anno Novo

Emballada de doces chiméras, sonhos doirados, illusões fagueiras, a alma transbordase de indinivel contentamento e tomam maior palpação, caras esperanças, ao surgir o anno novo!

Vem aureolado por iris radiantes, beijado por aligeras borboletas brancas, que aqui, ali, no esmeraldino dos prados, no diorama da manha dondejam esvoaçantes em torno do 1913.

Manhã formosa e clara do primeiro dia do anno, as mões afagam com mais ternura as lindas cabeceiras louras e os fillos, as carnelas santas, retribuem afagos mais espontaneos inda...

E' o anno novo que surge e duplica o amor no revigoramento das esperanças.

Vede: o primeiro dia morre. Nuvens plumbeas vão succedendo as flâmivomas colorações do crepusculo, no Occidente; uma a uma as estrellas, lampadas suspensas da aboboda celeste, acendem-se...

O amante beija carinhosamente, esperançosamente os labios da bem-amada. Mostra-lhe as estrellinhas, e aponta-lhe risosco porvir e descebre-lhe dias bondosos naquelles 365 vindouros. Para traz os cuidados e dissabores; maguas e lagrimas perdem-se nas brumas o sombras que envolvem o anno passado.

Cada anno que temos por ver parece-nos melhor que o visto, que só nos alguma sofrido: puro engano eternamente repetido, caprichosa e curinhosamente rescindido...

Saudade—olhar retrospectivo—evocação das horas idas mata-nos o presente e obriga-nos a nchar felizes os annos que passaram.

Esperança—nuvem alvinitente—presentir do que o omata o passado e glorifica o futuro. Bemvindo o anno novo!

Eu te faço, permitta-me, uma supplica, oh anno que te chamamos bom!

Conserva nas faces daquela aqueta amo, os mesmos botões de rosa com que me encantei no vel-a, ditoso, no decorrer do teu antecessor.

Dae-lhe ao olhos, a mesma luz divina que, anno findo, me illuminou a vida. Aos labios vermelhos como á rosa, dae-lhe a doçura dos favos de mel que soboreei, anno findo!

E, oh anno novo, que te chamamos bom! não desfaças meus castellos: dá quo eu possa no teu decorrer, viver ao lado d'ella, ditoso, os braços num mesmo abraço, os labios num mesmo beijo, o coração palpitando num mesmo isochronismo, impulsionado por um mesmo fogo amoroso, por uma só ternura; uma só paixão.

Só então, si assim o fizer, eu te chamarei, Anno Bom, anno que vem surgido, doado por iris resplendentes, beijado por colibris doidejantes, que embala-nos de sonhos, illusões, esperanças palpantes.

Atrius Aimé.

reclamava, mas não acabou o e assim ficará até que um outro resolva o contrario. A travessa Voluntarios da Patria, o Mercado do 1.º districto, tiveram também o inicio de melhoramento, porém como as outras cousas, logo depois ficaram no almindono.

Quiz e, s. também embelezar o jardim da praça Alenastro, proporcionando ao povo um lugar desceito e digno para servir de logradouro publico. Junto melhoramento. Necessitavamos de um jardim, de um lugar bello, agradável e attractivo, onde aos domingos, as noites, fossemos passar algumas horas em agradável passeio, em nãguvel e negra palestra, em convívio com as gentis patricias, aspirando o ar embelezado de mil flores, esbaldados pela fresca brisa dos copados arvores, ouvindo os accordes harmoniosos de uma banda de musica. Sim, não temos divertimento algum. A nossa capital resacento da falta completa de divites, e o jardim era e é o melhor sãto, o unico lugar onde o povo goza algumas horas de alegre passatempo.

Ello não estava na altura em que hoje se encontra, e por isso foi com grande satisfação que vimos o sr. Intendente iniciar o seu embelezamento, calando as suas alamedas, aliando-as com symetria o arte, arborizando-as, illuminando-as bastante, dando-lhes bancos confortaveis e em numero sufficiente e reformando o seu gradil que, digamos já entre nós, anda tem de bonito, o nosso caso seria melhor ter-se conservado o antigo.

Enfim o jardim Alenastro ficou bello, ficou um jardim desceito, pouco curvissimo. Poderia e com mais luzes e com menos gasto arranjado desceitamento. Para a agora é tarde, o que está feito está feito. Este é o benéfico que, digamos da passagem, o unico de bom que se futuro temerá na passagem do sr. Aveleiro pela nossa Municipalidade. E o melhor, o maior feito do seu governo. Ainda bem.

Chegamos à praça da Republica. Aqui foi aberta a tumba onde s. enterram a sua administração. Foi o seu mal fracasso o oxido nuovo e s. tivesse pensado no embelezamento da praça da Republica, porque hoje não teria ao largar o seu cargo, o dissabor de ouvir a voz do publico maldecendo essa sua obra, não veria os escombros da praça da Republica, que as fantasmas amedrontadas e clamaram os olhares de misericórdia da nossa Municipalidade, pedindo remediar os males que nella produzis s.

E hezoreos e estado em que deixou a praça da Republica. Quiz e, s. embelezar a tanto, transformando, quiz tanta coisa para ella e nada fez senão encaval-a e torto e a direito, dando-lhe em vez de embelezamento, enorme valios. montes de terras por todos os lados, em lugar da esbelerissima escultura da qual nunca mais se teve noticia.

Agora o novo Intendente que assumiu a administração da Municipalidade, cabo dar remedio ao mal, mandando edificar a cabana da praça da Republica, para poupar-nos do vexame que ella nos dá nas condições em que se encontra.

O sr. Aveleiro do Siquera larga hoje o cargo de Intendente, e na sua saída certamente, orenas, s. s. havra comigo algum prazer pelos serviços que prestou a nossa Capital, levando

AS CABELLOS

A' C...

*Cabellos negros, negros como a noite
Teresa que a natura obscurece...
Quando te vejo em caracos defeitos
Dos prantos e da dor minha alma esquece*

*Meiga fonte de graças perennas,
Onde reside o meu ardente amor...
E exere como os bosques tu te vejo
Encheinho as ares de suave odor!*

*Onda, trazeza de fataes eulias...
Por ti, ó quem me dera ser tragado...
Oh! não me importa a vida assim fugir,
E em teus annos morrer asphixiado!*

(De Aquidauana)

João Nunes da Cunha.

tambem um desceitamento por não conseguindo sublevar bem em todos os seus empreendimentos.

Paciencia porca, o error é peccado dos homens, todos nós não somos perfectos, não praticamos os actos bons.

R. s. a. se refrease hoje da Municipalidade, lavrar comigo junto com as sandades, a convicção plena da sinceridade das nossas palavras.

Adem!

General Ribeiro Guimarães

Depois de alguns dias de estadia nesta capital, seguiu no transporte "Matto-Grosso" na manhã de terça-feira ultima, para a cidade de Curitiba, o Excm.º Sr. General Ribeiro Guimarães, digno Comandante da 13.ª Região Militar, com sede naquella cidade.

Acompanhou-o o seu ajudante de ordens o Sr. Tenente Dr. Olimpio Bandeira.

Ao sr. Julio Genesio Martins agradecemos a solicitude com que dignou-se de servir-nos, tomando ao seu cargo a gerencia da nossa folha no 2.º districto desta capital.

Quinta feira ultima, em a residencia do Sr. Tenente Coronel José Magno da Silva Pereira, realison-se o cãlice matrimonial do nosso amigo José da Silva Pereira, com a senhorita Magdalena Monteiro, filha do fallecido Sr. Jorge de Veneza Monteiro.

Aos noivos nossos parabens.

Palestra

Antes de tudo estimadissimos leitores, e gentilissimas leitoras, os meus humildes cumprimentos, as minhas felicitações por encetar-se hoje um novo anno que espero nos seja em tudo venturoso, bom e cheio de assumptosinhos gostosos para as minhas palestras durante o seu decorrer. Bem. Saudos-vos, saudovos pela entrada do 1912!

Volvida foi mais uma pagina desse grande livro que se chama o tempo, e nella sumir-se os dozes longos mezes dessa particula do tempo que se chama anno. 1911 findou-se e 1912 sorridente nos mostra o rosto alegre de um bobé que esperanças mil nos dá de mil festas e felicidades até os seus também desaparecimento para o livro do preterito.

O 1912 passou, passou e para todos nós deixou alguma coisa de que não nos podemos jamais olvidar. Para uns e estes são poucos, elle foi um anno bom verdadeiramente, tudo lhes correndo bem, com prazer, com felicidade. Para outros porém, a maior parte, elle foi um anno mau, cruel, só dando-lhes dissabores, só trazendo-lhes lagrimas, dores e soffrimentos.

Mas para todos, elle acabou-se, e o novo anno surge esperancoso, para os primeiros elle será a continuacao dos felizes dias do que findou e para os ultimos, elle será o benéfico anno que vem mitigar-lhes as dores, enxugar

lhes as lagrimas, alliviar-lhes os soffrimentos, dar-lhes a alegria, o prazer, que não tiveram nesse que findou.

E assim são as cousas. Hoje para todos é um dia alegre propetedor de um anno repleto de venturas. No dia de hoje, todos estão contentes expandindo com satisfação as alegrias que lhes vão a alma, esperançosos de gozarem prosperidades infindas no anno que o 1.º de Janeiro inicia.

E quando decorrido os 12 mezes de que elle se compõe, vemos então novamente as cartas alegres, que cantam louvores ao 1912 que passa, e as tristes que o almeçoam, como um anno mau, um anno pessimo, no qual soffreram todos os revezes da sorte e da fortuna.

Em suas asperanças voltam-se então para o anno prestes a despoitar. Essa é a lei natural das cousas, a que cada um de nós temos que nos conformar com ella.

Hoje é 1.º de Janeiro data duplamente festiva para mim, principalmente para os meus caros compunheiros da "A Imprensa"; hoje este intemperio origio, completa o 1.º anniversario do seu apparecimento na arena jornalística desta terra onde, graças ao desceito, ao desprezo e pouco caso dos seus habitantes, a imprensa perece sempre a falta de meios, a falta de protecção para o seu sustento. E por isso é que, de regosijo sempre, a data em que se lembra o anniversario de um jornal qualquer, nesta terra, onde como já disse, a imprensa é tão menosprezada pelos seus filhos. Eu o humilde Matos Neves, que muito bem acolhido e considerado tenho sido, pelos dignos redactores da "A Imprensa" e pelos bons leitores, sinto tam bem n'este dia a mesma immensa antipathia de que elles se acham possuídos, pela data do seu primeiro anniversario, e fazendo votos pelo seu progredir sempre crescente, peço-lhes que acceptem do humilde collaborador, um apertado abraço pela passagem do dia de 1.º de Janeiro, para a "A Imprensa" duplamente festivo.

Toma a manhã posse do cargo de Intendente Municipal da capital, o sr. Tenente Coronel Manoel Escolastico Virginio.

Escusado é dizermos a esperança que temos da boa administração que fará sua senhoria, pois que demais conhecido é por todos o espírito nobre e recto do sr. Biscolastico e a competência que possui para exercer esse cargo.

Assim cremos, estarmos firmes nessa consoladora esperança que, o novo Intendente será um verdadeiro trabalhador pelo progresso do nosso município, dando-nos os melhoramentos de que carecemos, concluindo os já principados, dando inícios a outros que realmente sejam de grande e inadiável necessidade.

São as nossas esperanças, repetimos, e oxalá as vejamos tornarem-se realidades.

Mattos Neves.

RETROSPECTO

« A Redacção da "A Imprensa" no dia do seu primeiro aniversário »

Findava a Idade Média. Como que para anunciar a aproximação dos tempos modernos e tornar bem palpável a passagem da História para um novo ciclo, quasi que bruscamente desenhava-se uma serie de acontecimentos da mais alta importância como o Renascimento do gosto pelas letras e artes, as descobertas marítimas etc. etc...

Todos esses factos por ora tiveram o seu período preparatório e não foram elles movimentos bruscos e violentos como a primeira vista parecem ser.

Tal assim que em q u a n t o Dante, Petrarca e Boccaccio, antes da queda do Imperio Byzantino, preparavam o brilhante período das letras que surgiu mais tarde como o cantar da *Jerusalem Libertada*, Ariosto e Machiavel na Italia, Lope, Cervantes e Calderon na Hespanha, Marat e Robespierre em França, Shakespeare o Camões na Inglaterra e em Portugal, Plavio Giorgio revelava aos povos occidentaes a utilidade da bussola cujo invento attribua aos Arabes, permitindo aos marinheiros do occidente a quem tanto seduziam as cousas do mar, a internarem-se « por mares nunca d'antes navegados ».

Portugal, necessariamente devoria ser, como o foi, o primeiro paiz que lançou-se em tão arrojadas expedições.

Ocupando uma parte tão

exigua do territorio europeu, impossibilitado de expandir os seus dominios pelos lados da Hespanha e povoado por uma tribo aventureira por excepção, elle esperava ancioso que a sciencia viesse lhe revelar o reconhecimento da bussola para alargar os seus dominios pelo lado do mar.

Antes que a Hespanha desportasse da sua lethargia, D. Henrique da escola naval de Sagres enviava muitas e repetidas expedições, que fazendo tremular a bandeira lusitana em afastadas longitudes, descobriam ilhas e esplorando o littoral africano chegavam ás Indias.

A serviço da Hespanha, uma outra facção da navegação, não menos intrepida, depois das glórias que circulavam em torno dos Perestrellos, Benteenours, Dias e Gama, procurando um novo caminho para a opulenta India navegando *d'el Levante por el Ponente* descobre o novo Continente fazendo a circum-navegação do globo.

A descoberta da pólvora, veio transformar completamente a arte da guerra, abtendo profundamente o valor da apparatus cavallaria medieval, dando maior importancia ao guerreiro infante.

No meio de tantos acontecimentos, de tantas invenções preciosas apparece porem uma que das mais se salienta — Foi a da imprensa.

No seculo XV o vulto sympathico de Gutenberg sufrendo todas as injurias que o povo e a natureza lhe atiravam á face, apresentava-nos esse feliz invento, destruindo os pergaminhos de madeira em que se faziam inscripções durante a Media-Idade.

Pobre em extremo, não podia Gutenberg, dar expansão o maior ecclebridade átrahir ao seu invento, e para isso foi preciso que associasse com Faustino banqueiro de Mayença, onde também nascera.

Nos fins do seculo XV e durante o XVI impressores de grande fama davam publicidade a copioso numero de obras de Virgilio, Horacio e outros classicos do grande rependa.

El por meio da novel invenção da instrucção começou a dilatar os seus dominios, e mais tarde o apparecimento do jornal veio collocar na frente aureolada do emmattado filho de Mayença uma

coroa de glórias,—immortalizando-o, pela invenção magnifica que tivera.

Realmente é o jornal o operario inextinguivel, o mais laborioso obreiro que debata no grande problema da propagação da instrucção, verdadeira porta-voz da civilização dos povos.

—A vós oh! membros do corpo redactorial d'este illustre orgão que comemora hoje o seu primeiro e feliz anniversario, a vós eu peço effusivamente, como amigo da instrucção que sou, não desistisdes ante as difficuldades que tendes de vencer na senda gloriosa que encetastes e prosegui sem entibios, o trilho nobre e activo que até aqui tendes seguido, trabalhando com ardor como propagandista da instrucção da nossa terra, defendendo, todas as vezes que preciso for, os interesses do povo.

Nós avaliamos o o povo todo reconhece as innumerables difficuldades que vos surgem quotidianamente na lucta jornalística, e por essa mesma razão, consideramos que, cada anno que completor o periodo creado, sob a vossa direcção, vos será como um laurel de glórias colhido pelo exercito que ateuca a victoria sobre o inimigo em batalha duvidosa.

Curto Nelo.

NATAL

« O tempo é a occasião passagiera dos factos, mas salienta, a funeral para sempre das boas » — disse o seu deus Raul Pompeia.

Grande vendula, annunciada por espirito superior que o amor d'O Alheio, foi para mim, ella só pode ser contestada pelo facto do Natal, sempre lembrado, festejado pelo mundo occidental por outro effusão de amor, carinha, ternura—expressões santas da familia.

Os servicos sociaes em todo o mundo pallida com a doçura, a consciencia da humanidade mal escrúpulo—fillos, entretanto a bondade do Natal perdura, meiga, singella e encantadora.

O tempo que viu nascer em Belém, o Noeirão Deus, não sepulta as horas amadas da abençoada dos pastores sin-gelas do Redemptor.

Christus-que che-nam-lhe bonas emboadas que se doem a luz do arco irradicacional na velha enxada da Aldeia.

Natal! Natal gritam gorriolantes os seus imbozinhos ao redor de Presépio, minúscula fumaça daquelle nicho de verdades que é o Noeirão, ao lado de bondades e de amor e de fé só amando pelo carinho de Maria e José...

Lá fora o luar prateia as arvoredos da jurem; perpassa amoravel viciação; mas do vultus alegrem as noites cheias de canções suaves e hymnos de amor e hymnos de amor ao menino-Deus...

O nosso Natal é mais do que alguma outra, meiga e encantadora. Nas noites brasileiras comemoradas, não ha no-ve que dá frio e alvura aos corpos: ha pastos laes alvejando os dioramas dando-lhes brisa amorosa, alegria e fé.

Natal! data encantadora—consola a dor!

Altino Almeida.

O sr. Victorino de Miranda teve a gentileza de enviar-nos um n.º da *Femina* primeira revista parisiense contendo artigos interessantes sobre litteratura, sport e mores, e finas gravuras magnificamente impressas.

Agradecemos por esse mimo e peles de um black-folheta do 1912, o da bella revista *l'Espresso* "Serões", o seu n.º 75, abunhados prosperidades á litteraria que com esmerado gosto litterario na escolha das obras a vinda! peço ao sr. Victorino, a sua 13 do Junho.

Pipocadas

—Oh Bernardot, que differença tem estas grades velhas, dessas que estão collocando agora no Alencastro?

—Que que differença, não ves? as velhas foram collocadas de dia e as novas estão sendo collocadas de noite...

—Oh! João Bento, voce não me explicaria a razão porque o Avelino anda tão parathetico, tão surinbatico?

—Oh! Oh! Oh! E' a cousa mais simples de se explicar, elle não é mais o seo Avelino da Intendencia...

Nos correios

—Oh! seo Congo faça o favor de ver se tem carta para P....

... (vira as costas e vae seguindo)

—Seo Fernando, faça o obsequio de...

—Ahi isto sim, aqui nos correios eu me chamo sr. Fernando, lá fora eu sou Congo honorario, mas é a lingua dos moleques como você, não tem carta nenhuma, pôde-se retirar.

—André diga-me uma coisa o que foi feito do dinheiro para a estatua da Republica?

—Pois não sabes? quem-mou-se no incendio da Camara, posso te garantir...

Chico Pádua